

FOTOJORNALISMO E VIOLÊNCIA: FILTROS NOTICIOSOS, TÉCNICAS DE COMPOSIÇÃO E LINGUAGEM DA REPRESENTAÇÃO DE ACIDENTES URBANOS

Gabriela Sanches de Lima*

RESUMO: Este artigo tem por objetivo analisar as técnicas composicionais das imagens de violência publicadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Primeira Página*, especialmente aquelas vinculadas aos Acidentes Urbanos. Com base na metodologia da retórica da imagem de Umberto Eco, analisaremos a construção de sentido a partir do estudo dos filtros ideológicos presentes nas imagens e do processo de midiaticização que permeia o processo de construção da notícia. A análise se delimita nos jornais publicados nos meses de março a agosto de 2014 com as respectivas edições dominicais. Entenderemos o processo de construção de sentido da fotografia que coloca a categoria de Acidentes Urbanos como uma forte representante de significado da violência para o jornal *Primeira Página* e como o jornal *Folha de S. Paulo* aborda imagetivamente os acidentes que ocorrem na região de São Paulo, e também no Brasil, fazendo com que este tema tenha baixa representatividade no conceito de violência.

PALAVRAS-CHAVE: Acidentes Urbanos; Fotojornalismo; Retórica da Imagem; Violência.

PHOTOJOURNALISM AND VIOLENCE: NEWS FILTERS, COMPOSITION AND LANGUAGE TECHNIQUES IN THE REPRESENTATION OF URBAN ACCIDENTS

ABSTRACT: Current essay analyzes the composition techniques in pictures of violence published in the newspapers *Folha de S. Paulo* and *Primeira Página*, in particular those linked to accidents in the town area. Foregrounded on Eco's rhetoric of the image, the construction of meaning will be analyzed by studies on the ideological filters in images and on the media processes that pervade the construction of news. Analysis is restricted to the above mentioned newspapers published between March and August 2014, with their Sunday editions. The process of the construction of meaning in the photograph of the *Primeira Página* places the category Urban Accidents within a strong representation of the meaning of violence, whereas the *Folha de S. Paulo* provides low representativeness in the concept of violence when dealing with images of accidents in the region of São Paulo and throughout Brazil.

KEYWORDS: Urban Accidents; Photojournalism; Rhetoric of the Image; Violence.

INTRODUÇÃO

O presente artigo analisará as fotografias publicadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Primeira Página* relacionadas à violência presentes nos acidentes urbanos dos meses de março a agosto de 2014, nas edições dominicais. Ao longo das fotografias buscaremos entender os filtros noticiosos que cada veículo de comunicação utilizou para publicar as fotografias de acidentes. Neste artigo estudaremos 06 fotografias dentre todas aquelas que foram coletadas, relacionadas à categoria Acidentes Urbanos (03

imagens do jornal *Folha de S. Paulo* e 03 imagens do *Primeira Página*). A escolha destes jornais é embasada na linha editorial de ambos, as quais, quando comparadas, se distanciam. Enquanto um é feito para um público da capital do Estado de São Paulo, em que o fluxo de informações é quase que imensurável, o outro é feito para uma cidade do interior paulista de 250 mil habitantes, que cobre notícias da cidade e da região.

Antes de realizar o estudo é de suma importância estabelecer alguns parâmetros. Este artigo parte do pressuposto que fotografias não retratam a realidade como ela é, de forma simétrica e perfeita, como um

* Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP); E-mail: sanchesdelima@gmail.com

espelho, e sim como uma construção subjetiva dela. Conforme Kossoy (1999, p. 22) afirma “a fotografia tem uma realidade própria que não corresponde necessariamente à realidade que envolveu o assunto, objeto de registro, no contexto da vida passada”. Vamos analisar o significado das imagens para um veículo de comunicação e de como eles constroem e significam a realidade para o leitor por meio de imagens. Mesmo ao fotografar um acidente que, ao primeiro olhar seria algo meramente documental, há o olhar subjetivo do fotógrafo e a linha editorial do veículo norteando a direção em que a câmera vai apontar.

A representação de acidentes urbanos em jornais pode ter o objetivo além da pura informação do ocorrido. Ela pode estar atrelada às características do processo de midiaticização que interferirão nas relações interpessoais, influenciando o comportamento e os sentimentos dos leitores. Quando analisamos o público é importante partirmos do ponto em que ressaltamos a “pessoalidade” das audiências, não estudando como “massa”, segundo algumas teorias do jornalismo, mas como o efeito que a informação, através da imagem, vai causar em cada um que a vir. Neste estudo seguiremos a lógica concluída por Mauro Wolf (1999, p. 13): “em vez de serem uniformes para toda a audiência, tais efeitos são, pelo contrário, variáveis de indivíduo para indivíduo, devido a particularidades específicas”. Fotos trágicas transcendem atingir a massa, os jornais desejam que cada leitor seja impactado pelo peso das fotografias.

E, nesse sentido, a fotografia é utilizada para marcar a memória e permanecer nela muito mais do que um texto; a autora Sontag (2003) ressalta isto em vários momentos de seu livro. Os jornais, através do filtro noticioso “morte”, chamam a atenção do homem, que passa pela banca de jornal despercebido, por meio de uma fotografia chocante: um acidente de carro com várias vítimas, dentre elas uma criança. Susan Sontag (2003) chama a atenção para o incomum e o mórbido os quais, nas imagens, causam sensações até voyeurísticas. Não é por acaso e tampouco arbitrário que muitas fotografias de acidentes ocupam manchetes de jornais e, quando o leitor adquire o

jornal para conferir a matéria completa no interior do jornal, a “reportagem” não ocupa um espaço maior do que uma nota.

Partimos da hipótese, anteriormente comprovada pelas teorias do jornalismo estudadas por Nelson Traquina (2004), que as fotografias com o teor de violência, dor, morte e tragédia estamparão as capas e manchetes dos jornais porque chocam os leitores e garantem a venda do periódico. Este artigo pretende entender quais os mecanismos que os jornais utilizam para construir a realidade por meio da imagem e qual o significado de violência que eles passam através do fotojornalismo de acidentes urbanos.

2 METODOLOGIA

Para realizarmos as análises é necessário delimitarmos os possíveis filtros ideológicos presentes na fotografia. Desta maneira, conseguiremos identificar quais deles aparecem recorrentemente nos jornais e, assim, poderemos observar o significado de violência em acidentes urbanos para cada veículo de comunicação.

Para isso, escolhemos os seguintes filtros e subfiltros noticiosos:

- ✓ Classe social (rico e pobre);
- ✓ Gênero (homem e mulher);
- ✓ Visibilidade midiática (famoso e não famoso);
- ✓ Distribuição geográfica (local e não local);
- ✓ Faixa etária (jovem e idoso);
- ✓ Editoriais (delimitar em qual editoria estas fotografias aparecem).
- ✓ Ex.: Polícia; Nacional; Região; etc).

Após observarmos as fotografias e dividirmos nos filtros ideológicos aplicaremos a decomposição da retórica da imagem de Umberto Eco (2007). Esta base metodológica nos auxilia compreender qual foi a intenção e construção de sentido que o jornal quis passar ao publicar determinada imagem. A decomposição da imagem se resume em cinco

etapas, a saber: o “nível icônico” (plano da denotação, que inclui os dados concretos da imagem e dos elementos gráficos do objeto de referência); o “nível iconográfico” (plano da conotação, dos elementos cujos sentidos só são dados pelo cruzamento com os significados convencionais decorrentes de um aprendizado cultural); o “nível tropológico” (composto pelas figuras de retórica tradicionais aplicadas à representação visual); o “nível tópico” (marca dos lugares argumentativos e das premissas que se articulam na imagem); e o “nível entimemático” (posto pelas conclusões desencadeadas pela argumentação posta no nível anterior).

2.1 ACIDENTES URBANOS: QUAL É O SIGNIFICADO PARA CADA JORNAL?

O processo de midiatização influencia na resposta desta pergunta. Os conceitos de assuntos muito debatidos pela mídia tomam significados diferentes a partir dos veículos de comunicação em que aparecem. Segundo Patrick Charaudeau (2009), o mundo midiático é preso a um jogo de espelhos irregulares e deformados: ele reflete o espaço social e é refletido por ele. Os acidentes urbanos que vemos nos jornais refletem o espaço social onde aconteceram e dão a definição para o público que o recebe. Nesta ordem, podemos perceber o leitor como um “refém” que está sujeito às definições veiculadas dos produtos da midiatização. Neste processo, chamado de midiatização, em que cada fotografia analisada passou,

sabemos que as mídias “impõem o que constroem do espaço público” (CHARAUDEAU, 2009, p. 19).

A informação veiculada, através da fotografia, é um microcosmo da linguagem adotada pelo jornal, a qual se adequa ao objetivo daquele veículo. A imagem fragmentada que o leitor visualizar naquelas fotografias de acidentes urbanos é a definição que ele vai extrair desta categoria. A violência, a morte e a dor são conceitos subjetivos que necessitam de um meio para se “significar”, um meio utilizado para isso é a mídia e os veículos de comunicação. O leitor da *Folha de S. Paulo* não tem a mesma definição de violência que o leitor do jornal *Primeira Página* tem, porque além de serem veículos de comunicação diferentes, também passaram por processos de midiatização diferentes.

Neste artigo vamos analisar o que é violência para cada um dos jornais destrinchados nas categorias delimitadas nos itens anteriores. Para exemplificarmos a violência na categoria de “acidentes urbanos” vamos escolher seis fotografias principais que possam representar os resultados quantitativos. Por fim, poderemos concluir o que é violência de acidentes urbanos para cada um dos jornais.

3 DESENVOLVIMENTO

A primeira fotografia que vamos analisar é aquela que reflete o conceito de fotografia documental, largamente encontradas em imagens que retratam acidentes urbanos de jornais de cidades pequenas.



Figura 1. Acidente urbano

Fonte: Edição 09 de março de 2014/Primeira Página

Na fotografia acima podemos observar um homem acidentado sendo socorrido pelos profissionais da saúde. O filtro noticioso que classificamos a imagem se encaixa em Faixa Etária, subfiltro noticioso “jovem”. O título da matéria foi fundamental para encaixarmos a imagem neste filtro, pois, segundo ele, sabemos que: “Jovem sofre fraturas após violenta colisão na SP-318”. Esta fotografia também se encaixaria no filtro noticioso “gênero” e “distribuição geográfica”, contudo, o enquadramento que o fotógrafo e o repórter da matéria quiseram dar ênfase foi para o filtro noticioso faixa etária do acidentado. Sabemos disto porque o relato de acidentes com jovens foi sucessivamente reportado por este jornal de maneira que, em algumas edições posteriores, o tema sobre jovens acidentados foi pauta de matérias específicas. Os começos dos títulos em algumas matérias explicam o motivo daquele acontecimento ter se tornado notícia e, também, evidenciam o processo de midiaticização que aquela fotografia passou. Esta imagem seria encaixada como uma fotografia meramente documental, mas se a observarmos e interpretarmos juntamente com o texto, podemos extrair informações mais detalhadas e objetivas sobre a intenção daquela fotografia estar lá. Sugerimos que o jornal *Primeira Página* possa ter feito isto propositalmente como uma forma de prestação de serviço à sociedade são-carlense a fim de alertar a população sobre os sucessivos acidentes que estão acontecendo com os jovens na cidade de São Carlos.

Ao longo das análises presentes neste artigo vamos encontrar de forma recorrente nas capas do jornal *Primeira Página* fotografias com alto teor de violência, dor e tragédia presentes nos acidentes urbanos que acontecem em São Carlos e região. As imagens, presentes logo no destaque do jornal, servem para chamar a atenção do leitor que terá distintas sensações ao ver determinadas imagens.

As sensações causadas por uma fotografia podem ser as mais diversas possíveis e os jornais utilizam destas sensações para vender. Em algumas pessoas, as fotografias de acidentes urbanos podem causar um distanciamento em relação à fotografia (na verdade, ao que ela representa – a dor); em outros,

pode causar a fascinação e o interesse pela dor alheia desconhecida. No quesito de sensações, as notícias que têm um caráter mórbido aparecem em imagens, como da Fotografia 1, pois conseguem fazer aquilo que a literatura, em forma escrita, é pedante.

As fotos são um registro objetivo e também um registro pessoal, tanto uma cópia ou uma transcrição fiel de um momento da realidade como uma interpretação dessa realidade – um feito que a literatura aspirou por muito tempo, mas que nunca conseguiu alcançar, neste sentido literal (FATORELLI, 1998, p. 26 apud SANTOS, 2004, p. 103).

Aplicando a semiótica, podemos dizer que o nível icônico se caracteriza por três profissionais da saúde socorrendo um homem acidentado no asfalto. As roupas deste homem estão rasgadas e não é possível ver o rosto dele. Também há uma maca na fotografia com alguns instrumentos de socorro ao lado e é noite. No lado conotativo (nível iconográfico), podemos interpretar que este acidente foi grave, em virtude da quantidade de profissionais de saúde que estão atendendo o homem e também porque a roupa dele está rasgada, muito provavelmente pelo impacto com o asfalto ou porque o socorro achou necessário. Não há sangue na fotografia, mas o acidentado pode ter quebrado/machucado a parte superior do corpo, onde os profissionais estão averiguando.

Outro conceito subjetivo que pode ser extraído desta foto é o alerta de se dirigir à noite, que pode ser muito perigoso. Sendo assim, podemos dizer que uma possível figura de linguagem (nível tropológico) implícita nesta fotografia é a hipérbole, caracterizada pelo exagero ao mostrar a fotografia crua e documental do acidentado e também a gradação, uma vez que o clímax de acidentes urbanos são os próprios acidentados logo após o acidente, o que esta fotografia mostra. Entretanto, antes dela ser construída e reproduzida, algumas premissas (nível tópico) foram necessárias para nortear o trabalho dos jornalistas. Acreditamos que uma delas foi a intenção proposital

de documentar acidentes urbanos que acometem jovens para que, dessa forma, a população pudesse se precaver. Para comprovar nossa hipótese de premissa, a capa do *Primeira Página* do domingo do dia 06 de julho traz a seguinte manchete: “TRÂNSITO QUE MATA” – Morte de jovens no trânsito coloca São Carlos em 2º lugar no ranking nacional.

Em suma, esta foto é mais do que meramente documental. Ela parece estar dentro de uma galeria de fotografia sobre acidentes urbanos, com jovens, a

fim de mostrar para a cidade a gravidade do tema. A escolha da construção da foto como ela está pode ser uma tentativa de reafirmar e chamar a atenção dos jovens para prevenir este tipo de acidentes.

A próxima fotografia vai inserir um novo significado de violência dentro de acidentes urbanos. Dessa forma, podemos visualizar como o processo de midiaticização é diferente nos jornais e como ele atribui significados diferentes para um mesmo tema: a violência.



Caminhão trafega, ao lado de uma cruz, pela pior estrada de São Paulo, no Vale do Ribeira

Figura 2. Violência dentro de Acidentes Urbanos
Fonte: Edição 30 de março de 2014/Folha de S. Paulo

Esta fotografia do jornal *Folha de S. Paulo* também se refere ao tema acidentes urbanos, mas a construção para mostrá-los é sensivelmente diferente da fotografia anterior. Ao analisarmos somente a fotografia, sabemos que se trata de um acidente urbano pelos seguintes elementos imagéticos: um caminhão andando na estrada e, ao lado da estrada,

uma cruz com flores que, pelo que sabemos do costume brasileiro, é comum colocar uma cruz e flores no lugar em que pessoas morreram por acidentes.

Quando lemos a legenda da fotografia que diz: “Caminhão trafega, ao lado de uma cruz, pela pior estrada de São Paulo, no Vale do Ribeira” podemos entender o propósito da fotografia. É também uma matéria para alertar a população sobre a perigosa

estrada de São Paulo no Vale do Ribeira, a qual já foi cenário de mortes e foi sobre isso que a fotografia quis frisar. Não foi acidental a fotografia ter sido tirada de baixo, ao lado da cruz, com um caminhão passando bem ao lado. A construção da fotografia foi feita não para chocar, como na do *Primeira Página*, mas para fazer o leitor refletir e tomar cuidado, caso tenha que se locomover pela pior estrada de São Paulo.

Antes de decodificarmos a imagem referida à Fotografia 2, é relevante nos atentarmos ao que Kossoy (1999) estudou sobre a realidade da fotografia. De acordo com o autor, a fotografia representa duas realidades em que uma delas pode ser polissêmica. A primeira realidade é fixa e imutável, ela faz parte do passado e mostra a realidade do acontecimento, antes de qualquer representação ou interpretação. Posterior ao acontecimento, temos a segunda realidade, a qual está sujeita a várias interpretações, já que ela é a representação do real. A fotografia é sempre uma representação a partir do real, captada por um fotógrafo que tem visões subjetivas e eixos norteadores (ideológicos, estéticos, técnicos, culturais, etc). É um processo de criação/construção de realidades. A segunda realidade pode ter várias interpretações, pois a nossa recepção a elas está atrelada ao modo de vida que vivemos, à cultura, à política e ao Estado que estamos sujeitos.

No caso desta fotografia, sabemos que o jornal *Folha de S. Paulo* trabalhou em cima das duas realidades: a fixa e imutável – a morte de muitas pessoas que passaram pelo Vale do Ribeira – e a segunda realidade subjetiva que foi trabalhada de forma sugestiva, a fim de instigar a imaginação do leitor a pensar quão grave pode ser percorrer de maneira imprudente a estrada do Vale do Ribeira.

Seguindo nossa linha de decodificação da fotografia, encaixamos essa fotografia no filtro noticioso “Distribuição Geográfica” e subfiltro “local”, uma vez que ela serve para informar sobre os perigos de determinado lugar em São Paulo. Enquanto a fotografia anterior se encaixava na figura de linguagem “hipérbole” e “gradação”, segundo nossa pesquisa, encaixamos esta na figura de linguagem eufemismo. O

jornal preferiu representar a morte com símbolos que, culturalmente, ligamos a ela: cruz e flores na estrada. Ao invés de representar alguém no pós-acidente imediato, o jornal preferiu “amenizar” a representação da morte através de símbolos. Nós partimos da premissa de que o jornal *Folha de S. Paulo* sabe para qual público está dialogando, ou seja, uma foto parecida com a anterior não seria a ideal para informar para o público paulistano.

Em suma, esta fotografia representa acidentes urbanos e, nela, a ideia de construção da fotografia, literal, fica latente. Percebemos que não é necessário mostrar alguém morto para falar sobre morte, porque elementos simbólicos que conhecemos culturalmente podem informar também. O “eufemismo” feito na fotografia é para dialogar com certo público que não se vê representado por jornais que mostram a cena documental e crua.

Após a análise desta fotografia, poderemos entender o que é uma imagem essencialmente documental e o que é uma fotografia “construída”, no sentido literal da palavra. Neste caso, sabemos que o fotojornalista teve o trabalho de ir até a estrada e representar os acidentes urbanos que acontecem na estrada do Vale do Ribeira, sem, necessariamente, ter acontecido um episódio naquele exato momento. Podemos observar que a câmera está posicionada de uma forma que todos os elementos visuais, que nos levam a ter a ideia de morte/acidente, foram contemplados. Este veículo de comunicação preferiu retratar a morte e o tema de acidentes urbanos com elementos que remetem a ele e não com os próprios acidentados. Este é o significado de acidentes urbanos para este veículo.

No quesito de atribuição de significado e construção/representação da realidade, a próxima fotografia é sensivelmente diferente da anterior. Vamos observá-la:



Figura 3.

Fonte: Edição 27 de abril de 2014/Primeira Página

A fotografia acima é a típica imagem que autores como Sontag (2007) classificam como “memoráveis”, não pelo sentido conotativo de algo grandioso, mas pelo sentido denotativo, o qual fica marcado na memória muito mais do que palavras em um texto. É a memória visual.

Um dos objetivos deste artigo é transcender o olhar ingênuo do leitor que tem a fotografia como mais uma impressão, no sentido físico de imprimir, no papel. A fotografia publicada no jornal quer entregar ao leitor o tato da violência e da tragédia. O veículo de comunicação utiliza da ferramenta da identificação para sensibilizar o leitor e, com isso, passar algum significado. Ao olhar a fotografia de um objeto, que parece ser um carro todo amassado, a mente do leitor começa a imaginar como os motoristas foram chegar neste ponto, o que ocorreu para ter este acidente, entre outros conceitos subjetivos que instigam a imaginação do leitor. Estamos entendendo que, assim como a *Folha de S. Paulo* trabalha de maneira indireta para mostrar violência e tragédia, publicando fotos em que acidentes urbanos são abordados de forma velada e indireta, o jornal *Primeira Página* consegue também, de maneira direta e documental, trabalhar com o

imaginário do leitor criando conceitos de violência. Segundo Flusser (1985, p. 22), “quanto ao problema da crítica da fotografia, eis o ponto crítico: ao contrário da pintura, onde se procura decifrar ideias, o crítico de fotografia deve decifrar, além disso, conceitos”. Esta fotografia traz um conceito de tragédia extremamente atenuado na categoria de Acidentes Urbanos. Como temos observado nas fotografias publicadas pelo jornal *Primeira Página*, os leitores deste veículo de comunicação terão como conceito de tragédia acidentes urbanos, que envolvem carros e cidadãos comuns nas estradas de São Paulo. É a construção de um conceito enviesado e limitado.

Ao observarmos a fotografia percebemos uma imagem confusa com relação aos elementos visuais: temos um objeto desconstruído em plano principal que, aparentemente, parece ser um carro (elementos como rodas e bancos podem nos ajudar na conclusão) e, em plano secundário, temos um carro da polícia militar com um policial observando o carro destruído. Juntando os elementos denotativos, podemos concluir que houve um acidente de carro grave (pelo estado do veículo) e que dificilmente alguém saiu vivo deste acidente.

Quando combinamos os elementos visuais com os textuais podemos extrair por qual filtro noticioso a fotografia foi determinada. Não foi apenas um acidente, mas foi um acidente que deixou uma mulher gravemente ferida. Ou seja, o filtro noticioso preponderante é o gênero com o subfiltro “feminino”. O segundo filtro noticioso que apareceu nesta fotografia foi a distribuição geográfica com a aparição do termo “SP-125” dando as coordenadas para o leitor se situar. Classificamos esta informação como básica, mas a escolha do veículo de comunicação ao classificar a vítima como “mulher” ao invés de deixar apenas como “indivíduo, pessoa ou vítima” é um fato relevante para o filtro noticioso.

Embora seja uma fotografia essencialmente documental (comparar esta fotografia com a anterior para atenuar as diferenças) ainda assim podemos extrair figuras de linguagem. Entre o texto e a imagem há um pleonasma – a condição do veículo já nos leva

a entender que o acidente foi realmente grave e isso é retificado com a palavra “gravemente” no título – também com a (re)afirmação da condição do acidente encontramos, novamente, uma hipérbole ao organizar as fotografias.

Como já citamos anteriormente, a premissa para o fotógrafo ter feito uma imagem como essa é a linha editorial do veículo. Com as nossas observações, percebemos que a linha editorial fotográfica do jornal é retratar o acontecimento no pós–imediato, a fim de que os leitores possam ter uma dimensão, subjetiva – segundo os óculos do jornal – do que aconteceu e como aconteceu. Em suma, esta fotografia representa a categoria de acidentes urbanos femininos, a qual é preponderante de acordo com as nossas análises quantitativas (seis fotografias de acidentes urbanos relatando o filtro noticioso “gênero” são de mulheres).

Como pudemos perceber, alguns filtros noticiosos são importantes para o veículo *Primeira Página*. Da mesma forma, o jornal *Folha de S. Paulo* tem critérios que deixam um acontecimento em destaque, principalmente se este for um acontecimento com grande visibilidade e importância, não só para a grande São Paulo, mas para o país inteiro. Um exemplo ilustrativo desta afirmação são as fotografias do acidente que causou a morte do candidato à Presidência da República, Eduardo Campos. Notamos que a categoria de acidentes urbanos não é uma forte representante do significado de violência para este veículo, mas nas edições de agosto este assunto foi fortemente noticiado, com fotografias e textos, porque não é apenas a morte de um forte candidato, mas porque o cenário de imprevisibilidade nas eleições de 2014 aumentou exponencialmente com o acidente de Eduardo Campos.



Figura 4.

Fonte: Edição 17 de agosto/Folha de S. Paulo

O teor de morte é forte nesta fotografia. Vários elementos visuais nos levam a crer que, não só alguém morreu, mas uma figura importante está dentro daquele caixão, disposto no meio da fotografia com a luminosidade voltada para ele. Além disso, muitas pessoas com trajes formais estão em volta do caixão, alguns deles estão ajudando a levá-lo. Mas, aqueles dois meninos, vestidos de camiseta amarela que estão à frente dos outros carregando o caixão, são elementos de destaque. Se não soubéssemos o contexto em que esta fotografia foi tirada, conseguiríamos depreender estas conclusões, de acordo com os elementos denotativos e conotativos.

Quando associamos a fotografia com a legenda já podemos ter uma conclusão mais ampla sobre o acontecimento. Aqueles dois meninos de camiseta amarela são, provavelmente, os filhos de Eduardo Campos. Nesse caso, podemos identificar figuras de linguagem diferentes das fotos anteriores: a vítima não aparece fisicamente, mas sabemos o que houve, superficialmente, com ela. Acreditamos que a figura de linguagem “zeugma” possa ser um paralelo para entendermos sobre a repetição de fotografias de Eduardo Campos. No mês de agosto, muitas fotografias tratando sobre o acidente que aconteceu com ele não necessariamente colocaram fotografias de Eduardo Campos. Ou seja, o termo já repetido inúmeras vezes através de textos (principalmente) foi omitido nas

fotografias, porque presumiu-se que o leitor já sabia quem era a pauta no momento por inúmeros motivos: pela visibilidade midiática, pela classe social, pelo gênero, etc.

A fotografia que representa a morte de Eduardo Campos gerou comoção nacional. O fato de um candidato à Presidência sofrer um acidente mortal em época de período eleitoral causou na população um sentimento de tragédia grande que foi intensificado com a cobertura fotojornalística. A compreensão de morte foi um produto feito pela mídia que fez uma *mise-en-scène* que, no sentido da palavra, confere a colocação de drama no espaço cenográfico ou no cenário. A mídia fez uma cobertura fotográfica interessante acerca da morte de Eduardo Campos. Vemos um perfeito exemplo em que o poder da fotografia de tragédia é explícito. “Numa era sobrecarregada de informações, a fotografia oferece um modo rápido de aprender algo e uma forma compacta de memorizá-lo. A foto é como uma citação ou uma máxima ou provérbio” (SONTAG, 2004, p. 23).

A publicação de uma fotografia dos próprios filhos de Eduardo Campos levando o caixão do pai não foi arbitrária. O choque, a identificação se tornaram matéria-prima do fotojornalismo. Mais uma vez observamos que a *Folha de S. Paulo* utilizou a ferramenta da fotografia poética e velada, em que se mexe com o imaginário do leitor de uma forma sutil e, ao mesmo tempo, abrupta. O corpo de Eduardo

Campos não aparece, quase também não aparece seu caixão, mas o que a fotografia mostra já é o suficiente para ser ter um caráter trágico e sentimental. Os filhos enterrando o próprio pai.

Em *O Ato Fotográfico*, Dubois (1993) reflete sobre a veracidade que a fotografia passa. Ao analisarmos a fotografia de Eduardo Campos sob esta visão, entenderemos o porquê da *Folha de S. Paulo* ter escolhido esta e não outra fotografia para representar a morte do candidato. Já que ela “é considerada como a imitação mais perfeita da realidade” (DUBOIS, 1993, p. 27), sabemos exatamente o que os seus filhos estão sentindo. O jornal não queria apenas noticiar a morte do candidato; se assim o fez, por que não publicar uma foto somente do caixão? Qual a necessidade de mostrar os filhos de Eduardo? Aos leitores causará identificação: aos jovens que têm ou não pais, poderão imaginar a dor que é perder um pai e aos adultos, que podem se identificar, imaginando como seria se deixassem seus filhos órfãos e aos admiradores do próprio candidato, que para eles foi uma grande perda. Foi uma fotografia pensada para atingir muitos leitores.

Na fotografia a seguir, do mesmo veículo de comunicação, temos a representação de outro acidente, contudo a vítima não tem visibilidade midiática e a classe social é irrelevante. Nesse caso, não se pode usar o “zeugma” como figura de linguagem, pois é necessário retomar o que aconteceu e com quem aconteceu. Vejamos:



Corpo de Glemezir Milsoni perto de faixa de pedestres na avenida República do Líbano

Figura 5.

Fonte: Edição 21 de agosto/Folha de S. Paulo

Esta fotografia é uma exceção às representações de acidentes urbanos publicadas pela *Folha de S. Paulo*. Podemos ver vários elementos denotativos que fogem da linha de “construção literal” da imagem. Esta se aproxima do caráter documental daquelas que observamos no jornal *Primeira Página*, contudo, ainda possui elementos peculiares, os quais podemos afirmar de qual veículo de comunicação esta fotografia pertence.

Ao contrário da fotografia anterior, esta foi necessária colocar uma outra imagem para que o público soubesse da identificação da vítima. O senhor Glemezir Milsoni não foi parar no jornal porque é famoso (visibilidade midiática) ou porque é rico (classe social), mas o caso dele pode ter sido publicado por ser um fato relevante para a cidade e, também, por ele ser idoso (faixa etária) – pelo que percebemos na fotografia menor no canto superior esquerdo – e pelo local em que o acidente aconteceu (avenida República do Líbano). Na fotografia temos vários elementos que a compõem: carros, construções, ciclistas, pedestres, cone, placas, objetos de trânsito e um corpo estirado no chão coberto com um pano. Também podemos notar a preservação/identificação da vítima. Ao contrário da Fotografia 1, não reconhecemos a vítima por meio de uma fotografia pós-acidente, através de partes do corpo. O reconhecimento se dá por uma imagem da própria pessoa em outro momento, que nada tem a ver com o acidente. Acreditamos ser esta uma maneira de humanizar fatos trágicos preservando a identidade da vítima e amezinhando a dor dos familiares. Novamente podemos observar a construção da fotografia, literalmente. Nesta, os jornalistas tiveram o trabalho de procurar outra foto da vítima e anexá-la à imagem principal – ao fazer isto, a representação da realidade, bem como o processo de midiatização, muda e tornam os efeitos completamente diferentes de uma foto friamente documental.

Com essa afirmação podemos extrair a premissa contida nesta fotografia. Acreditamos que a imagem realizou a retratação da dor e da morte de uma forma velada a fim de preservar a identificação do senhor – ele ser lembrado não como mais um

acidentado ou mais um corpo, mas como uma pessoa que existiu além do acidente – isto é humanizar a dor e a tragédia. O corpo dele está ali, mas está coberto. O rosto dele também está lá, mas é um rosto de outro momento, que não há dor. Para sintetizar as duas fotos anteriores, observamos que a morte provocada por acidentes é um assunto delicado para o jornal *Folha de S. Paulo*. Podemos ressaltar a preservação da identidade humanizada das vítimas. Com o processo de midiatização que estas duas fotografias passaram, o entendimento sobre o acidentado é respeitoso à medida que não se mostra partes do corpo da pessoa (o que não acontece no jornal *Primeira Página*). Enquanto um retrata o momento do pós-acidente imediato, inclusive com profissionais trabalhando, o outro constrói uma narrativa diferente para dar sentido aos acidentes urbanos.

Nesta fotografia, como já observado, vemos que o jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma fotografia destoante da linha que vínhamos explorando até então. Esta fotografia se assemelha em muitos pontos àquelas analisadas do jornal *Primeira Página*. Por que, então, o veículo de comunicação resolveu publicá-la? Além dos filtros noticiosos que já citamos acima, como a faixa etária, acreditamos que a *Folha de S. Paulo* não podia deixar de explorar uma das características primordiais da fotografia que é a veracidade, que de acordo com Dubois (1993) é presença marcante nas imagens fotográficas.

Além deste fator, acreditamos que a publicação também aconteceu por motivos que a psicanálise pode explicar, no que se refere à imagem, à imaginação e à identificação. “Toda imagem socialmente difundida em um dispositivo específico resulta da mesma abordagem, já que, por definição, a imagem representativa atua no duplo registro (na ‘dupla realidade’) de uma presença e de uma ausência” (AUMONT, 1993, p. 120). Neste sentido o autor aborda sobre esta dupla realidade que as imagens passam e que conseguimos extraí-las quando olhamos para a Fotografia 5. A primeira realidade é marcada pela presença de um trágico acidente envolvendo um senhor de idade e a segunda realidade é marcada pela ausência e a subjetividade

que este acidente causou (a continuidade dele). O jornal *Folha de S. Paulo* apenas mostrou a primeira realidade, deixando a segunda à mercê da imaginação do leitor.

É um duplo registro captado por uma imagem, a qual deixa um grande gargalo para os leitores.



Figura 6.

Fonte: Edição 17 de agosto/Primeira Página

Esta fotografia tem várias informações relevantes quando observamos que se trata do jornal *Primeira Página*. Analisando os elementos contidos na imagem sabemos que há uma mulher olhando para um objeto que está rodeado por flores e, ao lado, pode-se observar um cartaz com a primeira palavra escrito “Eduardo”. Este objeto que a mulher está olhando parece fazer parte de um local importante, em virtude dos desenhos contidos nele. Após observar a fotografia, lemos a legenda da imagem que diz “Em frente ao palácio do Campo das Princesas, sede do governo de Pernambuco, flores são deixadas em homenagem a Eduardo Campos”. Ou seja, a fotografia tem o teor de tragédia, morte e dor, mas o processo de midiatização que ela passou é um pouco destoante das demais fotografias do jornal *Primeira Página*.

Observamos que esta fotografia está em um lugar atípico do jornal. Ela se encontra logo na segunda página, não se encaixando nas editorias com o teor de acidentes como: Polícia, Política, Nacional. Ela é uma fotografia gancho – aquela que chama a atenção do leitor para ler a matéria completa que está no interior do jornal. Mas por que, justamente a fotografia para prender a atenção do leitor, está em preto e branco

e com um caráter mais brando, em comparação com outras fotografias?

Se seguíssemos a linha de nossa observação, uma foto sobre este acidente seria a imediata pós-acidente em que poderíamos ver os policiais e profissionais da saúde trabalhando e atendendo os feridos e contando os mortos. Mas esta fotografia não tem nenhuma destas características. Isso se explica por alguns motivos: ao olharmos a autoria da foto, podemos perceber que não é da autoria do jornal. Nela está escrita “Fernando Frazão/Agência Brasil”, ou seja, a primeira explicação da fotografia não seguir a linha que estávamos acompanhando é porque ela não é de autoria própria do jornal. Sendo assim, esta fotografia tem características da semiótica que se aproximam daquelas feitas pelo jornal *Folha de S. Paulo*. Há o eufemismo e há também o zeugma – não foi necessário mostrar o acidente em si para retratar a dor e a tragédia e também não foi necessário mostrar fotos de Eduardo Campos para sabermos que toda a matéria se refere a ele. É importante notarmos que a importância do fato sobressaiu a linha editorial fotográfica do jornal. As eleições foram peças-chave para remontar a estrutura do jornal *Primeira Página*.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações finais observamos que a violência, na categoria de acidentes urbanos, encontra representatividade no jornal *Primeira Página*. Podemos dizer que a violência, nesta categoria, é representada por jovens de 17 a 25 anos, sendo que a maior parte deles são motociclistas. Além disso, a violência também pode ser representada pelas pessoas que sofrem acidentes e não têm profissões privilegiadas pela mídia. A violência também se caracteriza por fatos locais e sobre assuntos importantes para a cidade.

Já para o jornal *Folha de S. Paulo* podemos afirmar que a categoria de acidentes urbanos não tem representatividade. Porém, quando ela aparece no jornal, as imagens são sobre fatos importantes localmente, para a população da grande São Paulo, ou então, sobre casos de grande visibilidade midiática, como a morte de Eduardo Campos, por exemplo.

Notamos que o processo de midiáticação para noticiar acidentes urbanos é sensivelmente diferente entre os dois veículos. Enquanto um é caracterizado por um forte caráter documental, o outro passa por um processo de construção (muitas vezes do sentido literal – observar a Fotografia 2) e também de representação (não mostrar o fato cru, mas fotografar elementos que nos remetem a ele). Entretanto, também notamos que prestam serviço à sociedade, cada qual com sua maneira.

De acordo com as análises já feitas, os jornais que têm a categoria de acidentes urbanos como forte representante do significado de violência publicam fotografias com características que se repetem: diretas e documentais, com a câmera posicionada em frente ao ocorrido e mostrando o corpo do acidentado sem qualquer preservação: a câmera capta a vítima antes ou depois do socorro. Os veículos de comunicação que optam por passar a informação desta forma acreditam que a imagem crua, da maneira com que foi tirada, passa a credibilidade que palavras, talvez, não passariam. Se um leitor quer saber a gravidade do acidente, por exemplo, ao mostrar uma imagem ele já depreenderá como foi.

Em pesquisa feita por Maria Cláudia Quinto (2007), foram entrevistados alguns fotógrafos que já tiveram a experiência de fotografar imagens de morte. De acordo com os entrevistados, o público mais desejoso por ver imagens de atrocidades, violências e mortes são as pessoas da classe baixa. A premissa embutida nesta afirmação está no fato de como se o menos favorecido, a pessoa humilde e simples, se divertisse vendo a violência, por vivenciá-la. Essa afirmação, de acordo com a pesquisadora, mostra uma visão estereotipada e distorcida, já que os fotógrafos não conhecem o público a que se direcionam as imagens.

Se seguirmos a mesma lógica, utilizada pelos fotógrafos entrevistados, um jornal que mostra com mais intensidade fotografias de acidentes urbanos, como mostrado aqui, no caso o jornal *Primeira Página*, quer dizer que é um veículo de comunicação destinado ao público que sofre diariamente com eles? Um público que se “diverte” ao ver acidentes? Provavelmente não. Acidentes urbanos são retratados das mais diversas formas e, ao noticiá-los, muitos outros filtros noticiosos entram em cena.

Jornais elitizados costumam mostrar a morte de uma maneira diferente dos jornais populares, de acordo com Quinto (2007). Segundo os repórteres fotográficos, as imagens dos jornais menores mostram uma cena crua, sem sentimentalização, o que acontece de forma oposta nos jornais de grande circulação e elitizados. Isto pudemos comprovar no artigo através da decodificação da imagem com a metodologia de Eco (2007).

Para a representação de acidentes, outros fatores são levados em conta: visibilidade midiática, gênero, idade, entre outros. A problemática neste artigo foi contrapor a composição imagética de um jornal de grande circulação e elitizado contra um de pequena circulação e que atende a um público diverso.

Nossa conclusão se aproxima à pesquisa de Quinto (2007) sobre a maior incidência de publicação de imagens trágicas nos jornais menores, com preço popular.

Com frequência, supõem o que as diversas classes desejariam ver na mídia, considerando a população de baixa renda como desejosa por atrocidades e imagens violentas, já que estaria mais acostumada com a violência do que outra. Como se o menos favorecido se divertisse vendo a violência, por estar exposto a ela. Essa visão se mostra reducionista e estereotipada, já que os fotógrafos não possuem conhecimento sobre a percepção, de fato, desta população diante de tais fotos. As imagens de morte, feitas para jornais populares, são produzidas de maneira mais crua, direta e violenta do que as imagens dos jornais ditos de elite (QUINTO, 2007, p. 5).

Discordamos dos fotógrafos entrevistados quando eles colocaram a afirmação de que jornais mais populares colocam fotografias de cenas violentas e cruas porque a população tem certo prazer e diversão ao ver as fotografias. Sabemos que os processos de midiatização não acontecem por acaso, mas são estudados e premeditados para atender certas necessidades, sendo que, uma delas, é informar determinado tipo de público. Estes fatores

estão além do fator capitalista, da venda do jornal. O sensacionalismo encontrado nos jornais de pequena cidade serve para prestar um serviço à população, alertando os perigos dos acidentes urbanos na cidade, como foi estudado. Através de imagens fortes, o choque das fotos sensibiliza o leitor.

A maneira do jornal *Primeira Página* prestar serviço à população são-carlense, alertando para os perigos de acidentes com jovens, talvez não seria eficaz se passasse pelo mesmo processo de midiatização que as fotografias do jornal *Folha de S. Paulo* passaram. Também observamos que a maneira como cada um noticia um acidente urbano tem suas características positivas e negativas. A impressão realista que as fotografias do *Primeira Página* passam podem resumir longos textos explicativos sobre o acidente, contudo, acreditamos que familiares e amigos próximos não queiram que a vítima seja lembrada como mais um número de acidente por meio da fotografia chocante que marca a memória.

Abaixo segue quadro com os dados concretos e dispostos de forma visível em que as diferenças e semelhanças entre eles fiquem evidentes na análise feita:

Quadro 1. Quadro de acidentes urbanos *Folha de S. Paulo*

Acidentes Urbanos		
Dados	<i>Folha de S. Paulo</i>	<i>Primeira Página</i>
Quantidade de fotografias	13	92
Filtro noticioso preponderante (nº)	Distribuição geográfica – 06	Faixa Etária – 21
Subfiltro noticioso preponderante	Local	Jovem
Representatividade	Baixa	Alta
Observações	A categoria acidentes urbanos não representa o significado de violência para o Jornal <i>Folha de S. Paulo</i> . Comparado com o número total de fotografias coletadas no jornal, esta categoria representa somente 12%.	Esta categoria tem alta representatividade na significação de violência em virtude de aspectos como: – Há uma editoria no jornal específica para crimes e acidentes urbanos; – Comparado com o nº total de fotografias esta categoria representa 40%.

Comparado com o jornal *Primeira Página*, o jornal *Folha de S. Paulo* não é um jornal visual no quesito de fotografias. Ao longo dele podemos notar vários infográficos e charges ao invés de fotografias de acidentes urbanos. As imagens aparecem em notícias que ganham no quesito de visibilidade midiática. Podemos comprovar isto quando observamos a tabela acima. São 13 fotografias no jornal *Folha de S. Paulo* em seis meses, contra 92, no mesmo período, para o jornal *Primeira Página*.

O jornal *Folha de S. Paulo* não costuma noticiar, recorrentemente, acidentes urbanos. Observamos que nos meses de abril, junho e julho não há nenhum registro fotográfico de acidentes.

Ainda sobre o jornal *Folha de S. Paulo* a quantidade máxima de notícias/fotografias sobre o assunto, por mês, foram quatro (observadas nos meses de março e agosto). O que nos parece um número controlado pelo jornal, no momento de organizá-lo. A categoria acidentes urbanos não está presente fortemente neste jornal. Em um dos meses observados, agosto no caso, tivemos um número maior de relatos fotográficos em virtude do acidente do candidato à Presidência Eduardo Campos, o qual teve de ser noticiado por ser uma pessoa visível para a mídia.

Os filtros noticiosos que mais se repetem (quando aparecem fotografias) são: “distribuição geográfica” e “visibilidade midiática”. O primeiro diz respeito aos acontecimentos dentro da grande São Paulo e o segundo, por ser um jornal elitizado, mostra acidentes ocorridos com as figuras importantes e influentes para São Paulo (no caso, a morte do candidato à Presidência Eduardo Campos foi destaque no mês referido). Porém, há fotos que se encaixam em mais de um filtro noticioso. Por exemplo, a morte de Eduardo Campos pode ser encaixada em dois filtros noticiosos na análise das fotografias: podemos encaixá-la no filtro de classe social e visibilidade midiática.

Em síntese, enquanto para um jornal a categoria de violência nos acidentes urbanos é um forte representante, para o outro não passa de notícias corriqueiras que tomam proporções maiores quando o fato pede. O exemplo da morte de Eduardo Campos é um perfeito marco explicativo de quando esta categoria

se torna notável para este veículo de comunicação. Já o jornal *Primeira Página* utiliza esta categoria como forma de serviço prestado à população. No caso estudado, estavam ocorrendo muitas mortes de jovens por conta de imprudências ao dirigir motocicletas, portanto, o jornal produziu uma série de notícias que possuíam o caráter documental e imagético forte, para que, assim, a população se sentisse coagida.

REFERÊNCIAS

- AUMONT, J. **A imagem**. Campinas: Papirus, 1993.
- CHARAUDEAU, P. **O Discurso das Mídias**. Tradução: Ângela S. M. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2006.
- DUBOIS, P. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.
- ECO, U. **A estrutura ausente**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- KOSSOY, B. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê, 1999.
- QUINTO, M. C. **Imagens de morte na mídia impressa: o olhar do fotógrafo**. Rio de Janeiro: PUC-RIO, 2007. Tese (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro, 2007.
- SONTAG, S. **Diante da dor dos outros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SONTAG, S. **Sobre fotografia**. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são**. v. 1. Florianópolis: Insular, 2004.
- WOLF, M. **Teorias da Comunicação**. Tradução: Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 5. ed. Lisboa: Presença, 1999.

Recebido em: : 22 de junho de 2015

Aceito em: 17 de setembro de 2015